



cadernos
ciespi

Compromisso com as
infâncias do mundo.

6

Contrastes: Infância e Cidade

Metodologias de escuta e participação.

**Pesquisa &
Políticas Públicas**


ciespi 
centro internacional de estudos e pesquisas sobre a infância

em parceria com
PUC
RIO

Contrastes: Infância e Cidade - metodologias de escuta e participação/Cristina Laclette Porto; Nathercia Lacerda; Irene Rizzini – 1ª ed. – Rio de Janeiro: CIESPI, 2019.
16p. il. 20cm

Prefixo Editorial: 60079
Número ISBN: 978-85-60079-17-9

1. infância. 2. criança. 3. cidade. 4. metodologia de escuta. 5. fotografia. 6. desenho. I. Porto, Cristina Laclette; II. Lacerda, Nathercia; III. Rizzini, Irene. IV. Título.

CDD300

Contrastes: Infância e Cidade
- metodologias de escuta e participação –

Cristina Laclette Porto, Nathercia Lacerda e Irene Rizzini

1ª edição (2019) – Rio de Janeiro – RJ
CIESPI

Sumário

1. Apresentação	05
2. Infância, cidade, escuta e participação	07
3. Projeto Contrastes e sua metodologia	09
4. Espaços de escuta: oficinas e exposições	11
5. Principais aprendizados	13
6. Considerações finais	14
7. Referências	16

O Centro Internacional de Estudos e Pesquisa sobre a Infância – CIESPI é um centro de estudos e de referência associado à Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), dedicado ao desenvolvimento de pesquisas e projetos sociais voltados a crianças, adolescentes, jovens e seus elos familiares e comunitários. Tem como meta subsidiar políticas e práticas sociais para esta população, contribuindo para o seu desenvolvimento integral e para a promoção e defesa dos seus direitos.



Rio de Janeiro, July 2019

Esta publicação é resultado de pesquisa em desenvolvimento no escopo do projeto Contrastes: Infância e Cidade- metodologias de escuta e participação. Esta iniciativa é possível graças ao suporte da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) e da parceria com a Universidade de Østfold, Noruega, sob a coordenação de Trond Heitmann. Texto de Cristina Laclette Porto, Nathercia Lacerda e Irene Rizzini. Editores: Irene Rizzini. Maria Cristina Bó. Malcolm Bush. Design: Agência Comunicar/PUC-Rio.

Agradecemos às instituições participantes pelo acolhimento das experimentações-piloto do projeto no Rio de Janeiro, tornando-se coautoras na construção da metodologia: Escola Municipal Luiz Delfino, Escola Municipal Júlia Kubitschek, Ação Social Padre Anchieta, Escola Parque/ Gávea.

Compõem a equipe do projeto Contrastes no Brasil: coordenação geral e pesquisa, Irene Rizzini (PUC-Rio, Departamento de Serviço Social - CIESPI/PUC-Rio); coordenação executiva, Maria Cristina Bó (CIESPI/PUC-Rio); pesquisadores, Cristina Laclette Porto (CIESPI/PUC-Rio); Nathercia Lacerda (CIESPI/PUC-Rio) e Luis Vicente Barros, Departamento de Artes e Design da PUC-Rio; consultoria internacional, Malcolm Bush (CIESPI/PUC-Rio).

Apresentação

“Quem me dera um mapa do tesouro que me leve a um velho baú cheio de mapas do tesouro”

Paulo Leminski

Pensar a cidade é fascinante! E pensar a cidade com as crianças é muito mais! Elas estão por aí, olhando o que os adultos não percebem, curiosas pelos detalhes, por aquilo que está a sua altura. Cada idade vive um tempo próprio. Difícil saber o que estão pensando os bebês, a não ser observando seus movimentos, seus sorrisos, seus choros, a direção do dedo apontado... nos carrinhos, quem os empurra não consegue ver para onde viram a cabeça; o que os atrai. Um cachorro que passa mais perto chama sua atenção. Crescem um pouquinho e, de mãos dadas, caminham; param por causa de uma formiga ou porque um passageiro falou alguma coisa. As crianças de 4, 5 anos, arriscam algumas brincadeiras, saltitam, evitam pisar nas linhas da calçada ou escolhem pisar nas pedras de mesma cor. Crescem mais um pouco e começam a conversar entre si ou com seus acompanhantes mais velhos. Fazem perguntas que muitas vezes ficam sem resposta. Contrariando a pressa de chegar a algum lugar definido pelos adultos, tentam fazer desvios, brincar nas praças que encontram no trajeto; escolhem muitas vezes se divertir nos equipamentos de ginástica dirigidos aos idosos. Quando já podem sair em pequenos grupos, não percebem o volume dos corpos

e esbarram nos outros transeuntes, fazem barulho, atravessam a rua desafiando os carros. Sozinhos, ficam animados com a liberdade finalmente alcançada, mas também sentem medo de não saberem agir diante do perigo. Mas onde se esconde esse perigo? Nos grandes centros urbanos, é difícil responder a essa pergunta com exatidão. São muitos os fatores co-relacionados que colocam as crianças em estado de vulnerabilidade.

As grandes metrópoles tornaram-se hostis para crianças de todas as classes sociais, cada vez menos presentes nas ruas ou nas praças. A rua-cidade vem adquirindo conotação permanente de lugar de perigo ou de passagem e não de lugar a ser explorado em suas curiosidades. Os passeios a pé ou as brincadeiras que favorecem o encontro com o outro e com o “ainda não conhecido” enfrentam obstáculos como trânsito intenso, poluição e insegurança¹. A rua como um lugar de aprendizagens se encontra esvaziada pela complexidade tumultuada, que não mais abre o espaço necessário para a convivência social e urbana com aprendizados mútuos. Como aponta Müller e Nunes (2014), existe a

¹ Sobre esse assunto, consulte os Cadernos de Pesquisa e Políticas Públicas do CIESPI/PUC-Rio, números 3 e 5.

naturalização de uma relação de poder, que associa de forma imperativa o uso do espaço urbano quase exclusivamente ao adulto. Por deterem um discurso de proteção às crianças, os adultos facilmente as excluem da cidade, restringindo as interações de ambos ao espaço privado ou a lugares previamente demarcados no espaço público (MÜLLER e NUNES, 2014, p. 670).

Grande parte das crianças é direcionada para áreas consideradas mais protegidas ou seguras, que, no entanto, não favorecem interações diversificadas. Shoppings, clubes, cinemas, teatros, parques, centros culturais e museus, a princípio abertos a toda a população, não podem ser vistos como solução para o problema, pois, no Rio de Janeiro, de modo geral, constituem-se como espaços mais frequentados por uma elite, o que afasta as camadas sociais mais pobres e não escolarizadas da população. Além disso, concentram-se em determinadas regiões da cidade enquanto alguns bairros não têm sequer uma biblioteca pública.

Portanto, a cidade-rua, em seu desafio de ser um lugar de encontros e aprendizados sociais e culturais, é, muitas vezes, vedada às crianças mais protegidas e também às menos protegidas.

As primeiras têm limitadas as oportunidades de flunar a esmo, atraídas pelo desconhecido, por experiências não imaginadas, mas intuídas pela curiosidade própria da infância, na descoberta do similar e do diferente de si.

As outras, que têm, paradoxalmente, na rua-cidade, sua única opção de sobrevivência, são

indesejadas por serem, elas próprias, percebidas como uma ameaça à sociedade (RIZZINI e VALE, 2018). Essa rua-cidade, de falsa liberdade, mostra-se hostil a sua presença em grupos que optam pela autoproteção.

A cidade-rua compartilhada distancia-se cada vez mais de seus habitantes, impelindo-os para o recolhimento. A rua-cidade de festas, de manifestações culturais e políticas, lugar de descobertas e pensamento reflexivo, aberta à observação atenta e perscrutadora, é relegada a ser assimilada como um não lugar para se habitar e viver.

Torna-se um lugar de passagem entre os locais com tetos e paredes que, com a justificativa de acolher e concentrar afazeres, se constituem como barreiras que dificultam, limitam ou mesmo impedem o compartilhamento com o outro que conhecemos ou que não conhecemos. O que se vê é uma rua-cidade olhada do alto ou através dos vidros. Um lugar de impossibilidades, onde o perigo e a desconfiança têm morada. Um lugar construído a partir da indústria do medo.

Mas se a rua-cidade com o desejo pelo coletivo parece impedida de existir, a rua-cidade como um locus que se configure como uma ágora, habitada por ideias e pensamentos precisa ser reinventada, pois é mutante como a própria vida.

Mas como fazer isso? Como buscar inspiração nesse olhar primeiro que as crianças lançam para as ruas e cidades? Como iluminar caminhos que expressem os desejos infantis?

Pesavento (2007) oferece algumas pistas ao ressaltar que pertencer a uma cidade implica

formas de representá-la, seja pela palavra escrita, pela oralidade, pelas imagens pintadas, fotografadas, desenhadas e filmadas. Como destaca a historiadora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul,

idades reais, concretas, visuais, tácteis, consumidas e usadas no dia-a-dia, corresponderam outras tantas cidades imaginárias, a mostrar que o urbano é bem a obra máxima do homem, obra esta que ele não cessa de reconstruir, pelo pensamento e pela ação, criando outras tantas cidades, no pensamento e na ação, ao longo dos séculos (PESAVENTO, 2007, p. 11).

A autora propõe a apropriação da cidade como tema. A ela interessa reconhecer que a cidade é também sensibilidade.

Cidades são, por excelência, um fenômeno cultural, ou seja, integradas a esse princípio de atribuição de significados ao mundo. Cidades pressupõem a construção de um ethos, o que implica a atribuição de valores para aquilo que se convencionou chamar de urbano (PESAVENTO, 2007, p. 14).

Utopias, esperanças, desejos, medos individuais e coletivos encontram formas de expressão que podem ser reconhecidas e tornadas visíveis. A cidade pode ser representada por seus habitantes, de modo a ser pensada coletivamente, tanto no que há de concreto como no que pode ser sonhado, servindo de base para a invenção do futuro. O convite para fazer isso pode ser direcionado para os mais diversos grupos.

Neste texto, o convite é direcionado às crianças. Nele, as autoras refletem sobre a importância da criação de caminhos metodológicos que promovam e incluam a escuta e a participação de crianças no debate, na elaboração e na implementação de políticas públicas, no que diz respeito à construção e a (re)criação de cidades democráticas.

2. Infância, cidade, escuta e participação

Ao longo de seus mais de 30 anos de atuação, o CIESPI/PUC-Rio vem reafirmando a importância de desenvolver metodologias de escuta, diálogo e participação com diferentes atores sociais, entre eles, crianças de todas as idades. As várias esferas e redes de ação são pautadas pelo compromisso ético de respeito aos direitos de crianças, adolescentes e jovens. A meta de subsidiar políticas públicas, de forma sistemática e com múltiplas interlocuções, é exemplificada por sua participação no Grupo de Trabalho para a Implementação do Plano Municipal pela Primeira Infância (PMPI), em parceria com o CMDCA-Rio e no Grupo de Trabalho sobre Participação Infantil, ligado à Rede Nacional Primeira Infância (RNPI).

Em diálogo com o referencial multidisciplinar dos Novos Estudos da Infância e da Criança, nas pesquisas realizadas a

[...] intenção é possibilitar o encontro com as crianças situadas contextualmente, escutá-las, traduzi-las e afirmá-las como um ato de liberdade. Construir, a partir das crianças, outras imagens de infância que conduzam a perspectivas mais locais a partir da descrição, da escuta da voz e da participação das mesmas. É a definição de um pensamento novo sobre os seres humanos de pouca idade (BARBOSA; DELGADO e TOMÁS, 2016, p. 107-108).

Manuel Sarmento (2015), professor da Universidade do Minho, em Portugal, com experiência na área de Sociologia e ênfase em Sociologia da Infância, tem uma perspectiva de abordagem que dialoga com essa visão. Para ele, as pesquisas, nesse contexto, lidam com um duplo desafio: conhecer as diferentes infâncias e defender seus direitos, incorporando as crianças como interlocutoras fundamentais para se pensar políticas públicas voltadas para elas. Nesse caso, as pesquisas, além de observarem e analisarem crianças em seus territórios, podem desenvolver atividades de modo que elas possam se expressar sobre um determinado tema, por meio de diversas linguagens como desenho e dramatizações, entre outras.

Estudos desenvolvidos pelo CIESPI/PUC-Rio vêm buscando abranger a participação de atores sociais de múltiplas áreas. Em 2010, para citar um deles, no projeto “Arautos Brincantes”, jovens da Rocinha caminhavam com seus figurinos coloridos, contando histórias locais e

propondo brincadeiras. Mochilas e bolsas, entre outros adereços, atraíam a atenção para os curiosos personagens andarilhos, que atuavam como conectores de gerações, ativando a comunicação entre crianças de diferentes localidades dessa comunidade, que têm proporções e complexidade de cidade. Segundo eles mesmos, “é na rua que nós conhecemos a realidade que vivemos e descobrimos o que nossas próprias janelas são incapazes de mostrar”².

Com uma escuta sensível para o que não vemos acontecer, mas também para as estratégias, muitas vezes sutis, criadas por adultos e crianças para lidar com as interdições, torna-se possível enxergar “luzes no fim do túnel”. Como afirma Sarmento (2018),

as cidades, como espaços sociais estruturados, com dispositivos de controle, são particularmente tornadas visíveis nas interdições formais e simbólicas feitas às crianças (de circulação, acesso, mobilidade, interação, práticas sociais) e nas transgressões feitas por elas (SARMENTO, 2018, p. 233).

Um exemplo de alternativa frente a essas interdições emergiu em uma reunião com familiares responsáveis por alunos de uma escola pública parceira, localizada no bairro da Gávea, zona sul do Rio de Janeiro. Um dos pais, morador da favela da Rocinha, contou que tem como rotina passear com o filho pelas ruas para contar a ele histórias sobre o menino que ele foi,

² Mais informações estão disponíveis em: <https://centroludicodarcocinha.wordpress.com/cartografia-ludica-2> Acesso em: 27 jun. 2019.

por onde andou, com quem e de que brincou. Ele consegue dessa maneira conectar-se com a criança que permanece viva nele, compartilhando-a com o filho e garantindo que, de algum modo, essas experiências sejam transmitidas. A insegurança local, embora ali presente, passa a ocupar um plano secundário nessa relação com o filho. O pai consegue instigar a curiosidade do menino, estimulando-o a conhecer a comunidade de onde vive.³

O encontro e o diálogo intergeracional mostram-se fundamentais para que a experiência das crianças no mundo possa fruir e se expandir. No entanto, o espaço para que isso aconteça não está naturalmente disponível e a criação de projetos com esses objetivos é necessária.

Metodologias de escuta de crianças, que acionem adolescentes e jovens como conectores entre os universos infantil e adulto, e que convoquem no adulto a criança que ele foi, é um desafio instigante. Não se trata apenas de criar oportunidades para que diferenças sejam expressas, mas também de possibilitar que elas sejam negociadas e promovidas por meio do intercâmbio de ideias (RINALDI, 2016).

Mas como criar um “contexto de escuta” que potencialize e enriqueça aprendizagens coletivas? Vejamos o que nossa experiência com o projeto Contrastes vem nos ensinando.

³ Esse depoimento emergiu em uma roda de prosa do Projeto Cultural Rocinha Lúdica, uma parceria CIESPI/PUC-Rio e Programa Cultura Viva da Secretaria Municipal Cultura – Rio. Mais informações estão disponíveis em: <http://www.ciespi.org.br/Projetos/Em-andamento-12> Acesso em: 27 jun. 2019.

3. Projeto Contrastes e sua metodologia

Uma metodologia em desenvolvimento no CIESPI, considera os pontos de vista das crianças para analisar a cidade do Rio de Janeiro, seus perigos e potencialidades. Conhecer suas opiniões sobre questões que dizem respeito às suas vidas, permite ampliar o conhecimento não apenas sobre as crianças, suas experiências e representações, mas sobre a realidade social mais ampla.

As instituições de educação podem ser consideradas lugares estratégicos para as pesquisas com crianças. Próprias para se pensar criticamente o mundo, reúnem crianças de origens diversas, muitas delas com poucas oportunidades de demonstrarem o que pensam em outros contextos. Sendo assim, para a realização das diferentes ações, foram estabelecidas parcerias institucionais com a direção de duas escolas públicas, uma creche comunitária e uma escola particular. A maioria das crianças, que frequenta a creche ou as duas escolas públicas, mora na favela da Rocinha e, em menor número, na comunidade do Horto. A escola particular recebe, sobretudo, moradores da Gávea, Jardim Botânico, Leblon, Ipanema e Botafogo, todos bairros da Zona Sul.

Antes de conhecer as crianças, algumas perguntas rondavam a cabeça dos pesquisadores: Quais delas têm tempo livre para brincar e se relacionar com a natureza? Como são suas ex-

periências lúdicas? A circulação pelas ruas, os encontros com diferentes pessoas e interação com os acontecimentos da cidade ocorrem? Como é passar tardes inteiras em shoppings, nessa idade? Quantas vão ao teatro e a museus? A que filmes assistem, quando vão ao cinema? A que referências culturais são apresentadas?

Até o momento, cerca de 560 crianças, entre 6 meses a 13 anos, participaram do projeto e inspiraram materiais diversos, entre eles, uma narrativa ilustrada direcionada àquelas de até 3 anos⁴.

A experiência das quatro primeiras oficinas, realizadas com meninas e meninos de 9 a 10 anos, da escola pública, foi analisada e deu origem ao artigo intitulado "Olhares das crianças sobre suas cidades: reflexões sobre aportes metodológicos"⁵ e vem sendo adensada com novas questões que surgem nos outros campos de pesquisa.

A fotografia foi um dos dispositivos elencados para instigar o diálogo, colocar o foco na condição das crianças como produtoras de cultura e dar visibilidade aos diferentes contextos e seus inúmeros contrastes. Outro recurso utilizado foi o desenho, entendido como uma repre-

⁴ O folder que narra algumas dessas experiências está disponível no site do CIESPI/PUC-Rio: http://www.ciespi.org.br/media/Projetos/Em%20andamento/Contrastes_folder.pdf Acesso em: 17 abr. 2019.

⁵ PORTO, Cristina L., RIZZINI, Irene. La visión de los niños sobre sus ciudades: reflexiones sobre aportes metodológicos. *Sociedad e Infancias*. Norteamérica, 1, ago. 2017. Disponível em: <https://goo.gl/CYZGvG> Acesso em: 27 jun. 2019.

sentação de pensamentos e emoções, ou seja, uma privilegiada forma de expressão. Apesar da reconhecida importância do desenho livre, nesse caso, este não foi o ponto de partida. A proposta foi outra, mais específica, que descrevemos a seguir.

Em 2015, o CIESPI/PUC-Rio e a Universidade de Østfold, na Noruega, montaram uma exposição fotográfica, chamada "Crianças no Rio de Janeiro: Contrastes", para ilustrar a vida de diferentes crianças no Rio de Janeiro, particularmente, as diferenças entre crianças de baixa renda e de camadas mais favorecidas. Isso fazia parte do esforço necessário e contínuo de mostrar a realidade da vida das crianças em oposição aos estereótipos que circulam sobre elas. Fotógrafos profissionais escolheram valorizar e compartilhar determinados gestos e expressões infantis que, para eles, se relacionavam ao tema a ser apresentado.

Ao refletir sobre as interações dos adultos com as imagens da exposição, a equipe se perguntou: E as crianças como reagiriam? Como as fotografias poderiam se tornar suportes para escutá-las?

Essas observações foram a chave para a definição do elemento disparador: as silhuetas. Os contornos dos gestos de cada criança fotografada foram retirados e colocados em um papel em branco.

Uma das fontes de inspiração para a criação dessa metodologia foi a concepção de conhecimento de Walter Benjamin, sintetizada por Kramer (2011).

Figura 1 -- Foto-transparência- silhueta



Acervo - CIESPI/PUC-Rio

Para o filósofo, é preciso descontextualizar o objeto para que ele possa funcionar como texto; o colecionador é capaz de, como um historiador, descontextualizar, de modo que cada qual (cada pesquisador), ao interagir com o objeto (interações e práticas discursivas), atribua a ele um de seus inúmeros possíveis sentidos (KRAMER, 2011, p. 389).

Em um primeiro momento, as crianças foram convidadas a interpretar as silhuetas a partir de sua visão sobre a cidade e recontextualizar os gestos destacados. A hipótese da equipe era de que os contrastes, acrescidos das perspectivas infantis, favoreceriam um diálogo interno que se alimentaria, ao mesmo tempo, da linguagem dos outros. Ao se conectarem entre si, diferentes perspectivas de pensar a cidade se abririam. Buscava-se, desse modo, “desnaturalizar” estereótipos e preconceitos, conhecendo e valorizando a coexistência de múltiplas culturas.

Definido o caminho a seguir, creches e escolas parceiras do CIESPI/PUC-Rio, em diferentes projetos, abrigaram a proposta. O conjunto de

atores formado por alunos, familiares, professores, coordenadores, entre outros, foram inseridos como coautores. Mas, como essa proposta acontece?

4. Espaços de escuta: oficinas e exposições

Em forma de oficinas, a dinâmica dos encontros configura-se a partir de uma primeira apresentação, onde a equipe fala de seu interesse em saber como as crianças pensam, sentem e imaginam a cidade em que vivem. Dependendo da faixa etária, um repertório de brincadeiras é lançado para aproximá-las da proposta. Em seguida, enquanto as crianças conversam sobre as ideias que surgem e sobre o modo como as transformam em desenhos, a equipe circula entre elas, registrando o que dizem e fotografando suas ações.

Em alguns casos, ao verem os pesquisadores fotografando, as crianças pedem para fazer o mesmo. Com a câmara ou celular na mão, elas

fotografam a si mesmas e ao que acontece. Assim, mais um detalhe é acrescentado em nossas possibilidades de análise: o que escolhem retratar?

Evitar inferências e interpretações precipitadas por parte dos pesquisadores é um cuidado permanente e fundamental. Nesse sentido, títulos para os desenhos são solicitados, refletindo o pensamento das próprias crianças sobre suas criações. Algumas preferem não acrescentar nada e isso é respeitado.

Ao cotejar os desenhos com os relatos que se seguem, quando as crianças mostram para o grupo o que fizeram, é possível ter uma noção de como a rua-cidade é vista por elas e refletir sobre as cenas criadas.

Na Figura 2, é possível ver uma série com: crianças brincando antes de uma oficina; uma silhueta e desenhos que foram nomeados como: "A pipa presa", "Cara plantando bananeira na Lagoa Rodrigo de Freitas" e "O baskete no quintal". O mosaico reúne expressões de crianças de várias instituições participantes e indica semelhanças nas experiências lúdicas em meio à natureza e se distancia da fotografia que deu origem à silhueta.

As menores, de 4 e 5 anos, costumam dar cores às silhuetas e, às vezes, colocam a casa, os familiares mais próximos, a rua, a escola, a praia, a igreja, o Jardim Botânico ou o elevador do Shopping da Gávea. No entanto, o que mais chama a atenção é o que dizem enquanto desenhavam. O papel parece pequeno

Figura 2 -- Brincadeiras; silhueta; recriações de gestos e cenários; fotografia original



Acervo - CIESPI/PUC-Rio

para tudo o que querem expressar e narrativas inteiras são criadas na hora. Às ações cotidianas contadas em detalhes somam-se algumas aventuras vividas por personagens de televisão ou cinema. Nesses casos, além dos títulos, os pesquisadores buscam anotar o máximo que conseguem captar: "ele tomando banho"; "bebê engatinhando na rua indo pra casa procurar a mãe dele"; "ele foi pra rua; foi arrumar o cabelo; arrumou o cabelo e foi para a rua"; "ele está conseguindo salvar o Batman e a Mulher Maravilha"; "moça subindo uma escada de pedra. No carro minha mãe, eu e o cachorro. O nome do cachorro é Tcheize da música que conheço".

É apenas ao final de cada oficina, que as fotografias originais são mostradas. Olhares

Figura 3 -- Desenhos de crianças com 4 e 5 anos



Acervo - CIESPI/PUC-Rio

de espanto e sorrisos de surpresa se revelam diante dos divertidos e instigantes contrastes. Algumas se reconhecem nas cenas fotografadas, outras se espantam por nem as terem imaginado.

Para tornar essa "escuta visível" para um público maior, uma das formas encontradas é a organização de pequenas exposições montadas em estruturas versáteis. Nessas ocasiões mais diálogos são desencadeados em um permanente processo de cocriação.

5. Principais aprendizados

Além dos desenhos elaborados pelas crianças, observar e ouvir o que elas dizem e fazem durante o processo é o que há de mais precioso, pois revelam-se um campo extremamente fértil, onde surgem curiosidades sobre rotinas, hábitos, costumes, sonhos, brincadeiras e interesses.

O conjunto formado por desenhos e títulos, fotografias e registros dos cadernos de campo é analisado a cada encontro, a cada passo, pois a potência dessa metodologia de escuta se evidencia nesse processo criativo e em constante construção.

As silhuetas instigam a curiosidade e fomentam a criação de novas e ricas produções, favorecem brincadeiras e conversas das crianças entre si, delas com os pesquisadores e com os professores. A metodologia cresce em detalhes, quando assimila as contribuições que surgem desses encontros. As culturas infantis próprias de alguns territórios e aquelas reconhecidas e vividas pela maioria vêm à tona e geram reflexões sobre infância e cidade.

Assim como as crianças, as escolas parceiras e os atores de diferentes idades, que vêm participando dessa experiência, são entendidos como co-criadores e co-construtores do projeto, tendo em vista que os integrantes são considerados e assumidos como protagonistas das ações.

Pensar as crianças nas cidades e como se expressam sobre elas exige expansão do olhar e reflexão sobre as dimensões física, social, emocional e cognitiva em desenvolvimento. E porque não conceber as políticas públicas, integrando múltiplas dimensões e perspectivas, inclusive as infantis e juvenis? Como falar de infância e juventude sem falar de mobilidade e sem abordar a cultura em suas diferentes possibilidades de expressão? Como falar de cultura sem falar de educação em uma conexão dialógica e libertária? Como falar da infância sem pensar a cidade-rua como um espaço de interações sociais?

Construir políticas públicas voltadas para crianças, adolescentes e jovens como sujeitos integrais implica reflexão. Ouvi-los, como participantes ativos na sociedade, demanda metodologias que tenham um fio condutor claro, mas que estejam abertas para a cocriação e a coparticipação.

Embora o Projeto Contrastes tenha um fio condutor para abordar o tema “Infância e Cidade”, com cada grupo, a conversa sobre os desenhos e as fotografias promove uma expansão da ideia inicial, incluindo adaptações, desvios e novas ideias. O espaço dialógico proporcionado pauta-se por um viés ético que reconhece a pluralidade cultural e identitária e contribui para a formação de sujeitos solidários e criadores em suas relações consigo mesmos, com os outros e com o mundo.

Entretanto, não há um modelo único a ser replicado e, sim, um processo dinâmico e potente em suas proposições, pois há que se ter o cuidado para que políticas e práticas de participação infantil não sejam enquadradas, engessadas. Tisdall (2012), por exemplo, ao analisar e debater questões relativas às mudanças nas esferas políticas e práticas de participação infantil, no Reino Unido, adverte que esse enquadramento pode limitar seu potencial transformador.

6. Considerações finais

A cidade-rua como lugar de fuga, descuidada e desprovida de prazer, é também lugar de brisa, de canteiros floridos, de céu e de águas do mar. A observação crítica amplia-se, ao levar ao questionamento, à reflexão, à concepção e à proposição de outra cidade pensada e estruturada por e para todos.

O projeto Contrastes, em sua escuta de crianças, familiares e profissionais da educação, pode contribuir para retomar a visão da cidade como expansão do humano e do fraterno, em construções e reconstruções que favorecem a vida

compartilhada; que podem contribuir para o aguçamento do olhar e da ação e gerar a dúvida diante de uma cidade posta como definitiva em sua proposta excludente e esvaziadora da convivência. Dúvida que pode apontar para uma rua-cidade de todos e para todos, em seus desafios e complexidades, porém, como uma cidade-rua viva e fraterna.

Referências

CIESPI/PUC-Rio. Espaços seguros para crianças na primeira infância: expandindo e qualificando espaços seguros para crianças pequenas na Rocinha, Rio de Janeiro. Texto de Cynthia Ozon Boghossian e Malcolm Bush. **Caderno de Pesquisa e Políticas Públicas Nº 3**. CIESPI/PUC-Rio: Rio de Janeiro, 2017.

CIESPI/PUC-Rio. Primeira Infância no Brasil: Ampliando oportunidades para o desenvolvimento saudável de crianças de 0 a 8 anos. Texto de Cynthia Ozon Boghossian; Malcolm Bush e Renata Tavares. **Caderno de Pesquisa e Políticas Públicas Nº 5**. CIESPI/PUC-Rio: Rio de Janeiro, 2018.

KRAMER, Sonia. Infância e pesquisa: opções teóricas e interações com políticas e práticas. In: ROCHA, E. C. da e KRAMER, S. (Orgs.) **Educação Infantil**: enfoques em diálogo. SP, Campinas: Papyrus, 2011.

MÜLLER, Fernanda; NUNES, Brasilmar. Infância e cidade: um campo de estudo. In: **Educ. Soc.**, Campinas, v. 35, nº. 128, p. 629-996, jul-set., 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v35n128/0101-7330-es-35-128-00659.pdf> Acesso em: 27 jun. 2019.

PESAVENTO, Sandra Jatáhy. Cidades invisíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias. In: **Revista Brasileira de História**, vol. 27, nº 53, jun.2007. pp. 11-23. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882007000100002 Acesso em: 27 jun. 2019.

PORTO, Cristina L., RIZZINI, Irene. La visión de los niños sobre sus ciudades: reflexiones sobre aportes metodológicos. **Sociedad e Infancias**. Norteamérica, 1, ago. 2017. Disponível em: <https://goo.gl/CYZGvG> Acesso em: 27 jun. 2019.

RINALDI, Carlina. A pedagogia da escuta: a perspectiva da escuta em Reggio Emilia. In: EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Lella; FORMAN, George (Orgs.). **As cem linguagens da criança**: a experiência de Reggio Emilia em transformação. Porto Alegre: Artes Médicas, 2016, p. 235-248.

RIZZINI, Irene, TISDALL, Kay. A. Importância do Debate Internacional e Interdisciplinar sobre Participação Infantil e Juvenil. In: RIZZINI, Irene. (Org.) Participação Infantil e Juvenil: Perspectivas Internacionais. **Revista O social em questão**, Ano XV, n. 27. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2012, 15-20.

RIZZINI, Irene; VALE, Juliana Batistuta. Revisitando a velha questão da redução da maioridade penal. In: BRUCE, K. Alexander; MERHY, Emerson E.; SILVEIRA, Paulo (Orgs.). **Criminalização ou acolhimento? Políticas e práticas de cuidado a pessoas que também fazem o uso de drogas** [recurso eletrônico]. 1.ed. Porto Alegre: Rede UNIDA, 2018.

SARMENTO, Manoel. Infância e cidade: restrições e possibilidade. In: **Revista Educação**. Porto Alegre, v. 41, n. 2, 232-240, maio-ago, 2018. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/31317> Acesso em: 27 jun. 2019.

SARMENTO, Manoel. Uma agenda crítica para os estudos da criança. **Currículo sem Fronteiras**, v. 15, n. 1, p. 31-49, jan./abr. 2015. Disponível em: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/36710> Acesso em: 27 jun. 2019.

SILVEIRA BARBOSA, Maria Carmen; DELGADO, Ana Cristina; TOMÁS, Catarina. (2016). **Estudos da infância, Estudos da criança**: quais campos? quais teorias? quais questões? quais métodos?. *Revista Inter Ação*, 41(1), 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.5216/ia.v41i1.36055> Acesso em: 27 jun. 2019.

TISDALL, Kay. Participação de crianças e adolescentes: dilemas atuais e possibilidades futuras no Reino Unido. In: RIZZINI, Irene (Org.) Participação Infantil e Juvenil: Perspectivas Internacionais. **Revista O social em questão**, Ano XV, n. 27. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2012, 15-20.

Para mais informações consulte os editores desta série:

www.ciespi.org.br

Irene Rizzini

Diretora-presidente, CIESPI/ PUC-Rio e professora da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. (irizzini.pucRio.ciespi@gmail.com)

Maria Cristina Bó

Coordenadora executiva do CIESPI/ PUC-Rio.
(mcrisbociespi@gmail.com)

Malcolm Bush

Pesquisador e consultor, CIESPI/ PUC-Rio e pesquisador do Center of Urban Research and Learning at Loyola University of Chicago. (mbushciespi@gmail.com)



APOIO

 Østfold University College